

O Crioulo Forro

Artigos
substantivos
e adjetivos

Carlos Espírito Santo

O IDIOMA MATERNO DA *coroa do mar* é o forro¹. Derivado do português² dos séculos XV e XVI, o crioulo forro tem ainda hoje como suporte tal idioma europeu, que representa cerca de 93% do léxico, ao invés do que se verifica com as línguas africanas, que contribuem com 7% apenas. Este crioulo alberga outras determinações que importa mencionar.

O artigo definido está desprovido do singular, falta que pode ser comprovada nestes sintagmas:

Sóló bili zá

Sol já nasceu

Poçón na tê candjá fa³

Cidade não tem luz

Deuses e pessoas são precedidos de *nen*, ou seja “os” (artigo) que, aliás, nunca se aplica a objectos e, realmente, a tais seres quando estão no singular:

Nen ké musó fé pan iogó

Os defuntos-deuses é que fizeram com que eu melhorasse

Nen moçu libôquê na tê flogá fa

Os rapazes do Riboque não estão para brincadeiras

Quanto ao artigo indefinido, resume-se a *ũa* ou um, uma. Há, todavia, falantes que utilizam a expressão *ũa nem* (uns e umas), que somente se refere a seres humanos e divinos no plural.

Ûa djá di glavana

Um dia de gravana

Ûa canoa di mutôlu

Uma canoa de motor

Ûa nen migu mu só zudá mu

Uns amigos meus é que me ajudaram

Ûa nen mina cumá mu só ca labá lôpa da mu

Umas filhas da minha comadre é que lavam as minhas roupas

Representação do Tchilóli na ilha de S. Tomé.
(também nas páginas 56, 57, 58 e 59)



Ũa surge por vezes combinado com as preposições *de* e *em*, dando origem às formas *diia* e *niia*, que também se aplicam a nomes do género masculino e feminino, mas apenas no singular.

Lôpa sé sá diia sodé

Esta roupa é de um soldado

Zozé tê xincu muala niia ké

José tem cinco mulheres numa casa

Os substantivos concretos são em número superior no forro, quando comparados aos abstractos, muitos dos quais não existem neste crioulo. Assim, no exemplo seguinte, *bondade* é substituída por *bén* ou bem, e em vez de velhice, os falantes utilizam o *vé* ou velho.

Bén sá cuá pa sum fê

A bondade deve ser praticada

Vé sá sêbê

A velhice é sabedoria

São muito poucos os substantivos colectivos no forro, podendo, todavia, ouvir-se sobretudo no diálogo das mulheres estes lexemas:

npiân — pinha (de banana)

fêssu — feixe (delenha, de capim, de vassoura)

môio — molho (de chaves, de comida)

Ora os restantes substantivos colectivos portugueses, tais como

banda (de músicos)

bando (de aves)

cardume (de peixes)

corja (de vadios)

manada (de bois)

multidão (de pessoas)

quadrilha (de ladrões)

rebanho (de ovelhas)

vara (de porcos)

são substituídos, respectivamente, por

montxi ou *iô*

tôcadô vungu

bissu

pixi

vadjin

buê

nguê

ladlón

cabla

plôcô

Ou seja, os falantes antepõem o quantitativo *montxi* ou *iô*, que significam muito, aos substantivos, os quais, no entanto, precedem *luma-du*, bastante, muito.

Os substantivos forros não variam em número. A pluralização é obtida através do quantitativo que os acompanha:

dôssu manu — dois irmãos
nguê lumadu — muitas pessoas

Os aumentativos resultam da anteposição do adjectivo *mémé* (grande) aos substantivos:

mémé moçu — rapagão
mémé ké — casarão

Ao invés, os diminutivos são alcançados por intermédio dos quantitativos *piquina* e *txócó* (que significam pequenos), que são pospostos aos substantivos:

moçu txócó — rapazinho
ké piquina — casinha

Quanto aos substantivos compostos, além de permanecerem no singular, alguns, tal como o *baná-npón* (banana-pão), seguem a norma portuguesa. Mas não se verifica o mesmo quando os dois nomes se ligam por preposição. Por exemplo, em *opé-cabla* (pé-de-cabra), os falantes prescindem da partícula *de*, que em *npón-do-ló* (pão-de-ló) se transforma em *do*, porém.

Há dois géneros no crioulo forro — o masculino e o feminino. Ou seja, uma forma de indicar seres do sexo masculino e outra para os do sexo feminino:

Masculino	Feminino
<i>alê</i> (rei)	<i>lenha</i> (rainha)
<i>gálu</i> (galo)	<i>nganhã</i> (galinha)
<i>hómé</i> (homem)	<i>muála</i> (mulher)
<i>bódji</i> (bode)	<i>cabla</i> (mulher)
<i>compá</i> (compadre)	<i>cumá</i> (comadre)
<i>padlastu</i> (padrasto)	<i>madlasta</i> (madrasta)
<i>dónu</i> (avô)	<i>dóna</i> (avó)
<i>padjin</i> (padrinho)	<i>mandján</i> (madrinha)
<i>manu</i> (irmão)	<i>mana</i> (irmã)
<i>tio</i> (tio)	<i>tia</i> (tia)



Mas quando se pretende especificar o género de determinados substantivos (principalmente os animais), pospõem-se-lhe os adjectivos *hómé* (homem) e *muála* (mulher), para o masculino e feminino, respectivamente.

caçô homé e *caçô muála* — cão e cadela
mina homé e *mina muála* — filho e filha
méssé homé e *méssé muála* — mestre e mestra
cabalu homé e *cabalu muála* — cavalo e égua
gatu homé e *gatu muála* — gato e gata
buê homé e *buê muála* — boi e vaca
ladlón homé e *ladlón muála* — ladrão e ladra
nétu homé e *nétu muála* — neto e neta

Tal como os substantivos, os adjectivos não se flexionam em número, permanecendo no singular:

Maiá palidôssu mina muala glavi mó dëssu
Maria deu à luz duas filhas bonitas como deusas

Téla nom tê iô plé ngladji

A nossa terra possui muitas praias grandes

Mais: os adjectivos são invariáveis quanto ao género, possuindo somente uma forma para o masculino e o feminino:

Nen migu nó n sá buá

Os nossos amigos são bons

A ca bendê lôpa novu ni vëndê

Vende-se roupa nova na loja

Importa sublinhar que o crioulo forro mantém do português os dois graus do adjectivo: o comparativo e o superlativo. Todavia, o comparativo apresenta somente as formas superior e de igualdade, que se formam antepondo os advérbios *maxi* (mais) e *mó* (como) aos substantivos, respectivamente. A conjugação *dô quê* (do que) é posposta ao determinante no primeiro caso.

Hózé tudu cuá sá maxi caru dô quê ónté

Hoje tudo é mais caro do que ontem

Moçu mu tlabá mó moçu bô

O meu filho trabalhou tanto como o teu

Tal como se verifica com o comparativo, não existe no crioulo forro a forma inferior no superlativo, mas superior:





Zefa sa muála maxi glavi di poçón

Josefa é a mulher mais bonita da cidade

Mosca vêdê vêdê

Mosca verdíssima⁵

E no concernente ao superlativo absoluto, pode dizer-se que se resume à colocação do quantitativo *hunadu* ou *müto* (muito) depois do adjectivo. Trata-se, pois, de superlativo analítico, tal como demonstra este exemplo:

Pó sésá vé muto

Esta árvore é velhíssima

Por vezes, o superlativo absoluto é formado através da repetição do próprio determinante⁴:

Há determinadas expressões consagradas pelo uso que também servem para formar o superlativo absoluto:

Licu sononó (podre de rico)

Pletu lu lu lu (pretíssimo)

Moli mogó mogó (molíssimo)

Ximpli tatali (totalmente insonso)

Unu tatali (totalmente nu)

Vlêmê bababá (vermelhíssimo)

Zíulu can can can (azulíssimo)



Blancu fenené (branquíssimo)
Flescu tatatá (fresquíssimo)
Ledê zazazá (arder intensamente)
Quentxi zuzuzu (quentíssimo)
Cotá uni uni (cortar em pedacinhos)
Fina lequé lequé (finíssimo)
Bixi fiê fiê fiê (muito bem vestido)
Monhá potó potó (molhar-se da cabeça aos pés)
Lugi mieguê mieguê (brilhar intensamente)
Fiô cô cô cô (totalmente frio)
Suzu cotó cotó (sujíssimo)
Danado cotó cotó (estragadíssimo)
Secu clacatá (sequíssimo)
Vé queté queté (velhíssima)

Por fim, importa dizer que os comparativos de superioridade de *buá* (bom), *mau* (mau), *nglandji* (grande) e *piquina* (pequeno), respectivamente melhor, pior, maior e menor, e também os correspondentes superlativos absolutos (ótimo, péssimo, máximo e mínimo) e relativos (o melhor, o pior, o maior e o menor) não existem no crioulo forro.

¹ Várias informações breves sobre tal idioma surgem por vezes nos relatórios histórico-linguísticos dos portugueses que residiam em São Tomé e Príncipe durante o período colonial. Por exemplo, num depoimento de Gaspar Pinheiro da Câmara de 15 de Outubro de 1766 (A. H. U., S. Tomé, Cx. 10, doc. 93, fl. 4.vol pode ler-se o seguinte:

"He de saber que a gente natural destas ilhas tem lingua sua e completa, com pronuncia labeal, mas de que me não consta haver inscripção alguma, e hé certo que todos sabem falar a portuguesa, não sendo negros do mato, ou novamente resgatados, além dos muitos que falão a lingua franca, ao menos na parte que baste para o comercio com os estrangeiros".

² Língua utilizada neste final do século por dezena de milhares de forros.

³ Por vezes, os forros substituem a expressão negativa *na tê...* *fa* por *nló*, em final de frase. Significa não há, não existe, não tem. Assim, não só dizem: *Poçón na tê candjá fá* (cidade não tem luz), mas também: *Candjá n'póçón nló* (não há luz na cidade).

⁴ A repetição de determinado vocábulo nem sempre representa exacerbação do sentido. A prová-lo está a expressão *guê guê guê*, que significa, assim, assim. Ora quando duas pessoas se encontram, geralmente saúdam-se dizendo:

— *bô sá buá*

— *guê guê guê* (ou, por vezes, *axô*, estou bem)

⁵ Ou mosca tambor, tal como é conhecida nas ilhas verdes do Equador.